

PEQUENOS ASSUNTOS

Alceu de Arruda Veiga

Agrônomo

O ATAQUE DOS CUPINS

Temos visto, com assídua frequência, mudas de eucaliptos que, inapelavelmente, vêm a sua vida paralisada pelo incessante ataque dos cupins, através dos seus canaliculos subterrâneos. Ainda seria o caso de relativo consôlo, se a conhecida Mirtácea se apresentasse invulnerável à sua voracidade, dentro de pequeno espaço de tempo. Porém, não são raros os indivíduos vegetais, embora em porcentagem bem menor, entre as mais variadas espécies do gênero *Eucalyptus* que, contando já com uma altura média entre 40 e 50 centímetros — e nesse caso fácil é avaliar o seu diâmetro médio — iniciam a fase de definhamento, cujos sintomas (secamento e amarelecimento das fôlhas, entumescimento do seu colo, proveniente das nodosidades, etc.), são por demais conhecidos, sendo, pois, desnecessária qualquer repetição a respeito.

Em nossos trabalhos, sem que se leve em conta a enorme quantidade de mudas recém-transplantadas, as quais são como que devoradas por essa praga, relativamente pequeno é o número de eucaliptos saligna e longifólia, de 50 centímetros de altura média, passado por essa "prova de fogo". É claro que muitos resistem a êsse ataque, continuando o seu anormal desenvolvimento à custa de duas ou três raízes laterais que fugiram à faina do cupim, porém, cremos, não constituirão, no futuro, qualquer garantia ao nosso real objetivo. Pois, uma planta que alcança enormes profundidades com o seu pivot e que explora grande cubo de terra, não poderá, de forma alguma, alcançar as mesmas dimensões, quando transformada em uma essência florestal de raízes superficiais e em número bem insignificante, estando, mesmo, sujeita à ação maléfica dos ventos fortes.

O cupim frequente em nossos trabalhos, visto de relance,

apresenta o tórax e o abdômen esbranquiçados, com fundo levemente escuro, ligeiramente acinzentado, possuindo a cabeça quase preta, se bem que tenhamos encontrado no mesmo local de ataque grande porção daqueles que se mostram com a cabeça de um amarelo pardacento e com um tamanho relativamente maior que os mencionados anteriormente.

Conforme já temos frisado, não se chegou, até o momento, a um processo de combate acessível à maioria dos lavradores, quer pelos gastos, quer pelos cuidados rigorosos exigidos para êxito na consecução dos meios eficientes já descobertos. Naturalmente, várias serão as cogitações que irão surgindo no decurso dêsse estudo fastidioso e demorado. Assim, pensamos nós, não seria interessante conseguir-se jacazinhos com uma altura maior do que a comumente empregada e, em uma mistura de terra fartamente esterçada, proceder-se à repicagem de mudas de eucalipto? Neste caso, supomos, iríamos, desde que repicássemos com bastante antecedência, alcançar a época das chuvas com plantas bem desenvolvidas, cujo sistema radicular estivesse em posição normal e com dimensões, digamos, exageradas, embora não alcançassem o fundo do aludido jacazinho. Nestas condições, procederíamos à sua transplanta com enormes probalidades de êxito, porquanto o número de plantas que são atacadas quando em idade avançada é muitíssimo menor, relativamente, às mudas de 20-30 cms. de altura. Destarte, facilitar-se-ia a sua replanta, formando-se um talhão uniforme em quantidade e em tamanho das plantas em questão.

Tudo isso, é natural, poderia ser ajudado pelo plantio em terreno previamente arado muitas vezes, conforme aconselham alguns estudiosos do assunto.

NOÇÕES DE SILVICULTURA

Todo estudante de silvicultura sabe que, em determinado povoamento florestal, distinto pela sua forma, embora seus indivíduos lenhosos possuam a mesma idade, percebe-se, claramente, a formação de degraus, mesmo que tal observação se

processe nas florestas de alto fuste regular. É o caso dos chamados degraus, dominante e dominado, debaixo do "povoamento coetaneo". E não é preciso nos aprofundemos no ramo silvícola, para que saibamos da existência de certo país que faz uma distinção tôda especial a êsse respeito, subdividindo-os em predominantes, dominantes, médios, dominados e retardatários.

Dirá, no entanto, o leitor: "Essa questão de têrmos em silvicultura só tende a dificultar a boa vontade dos práticos". Não iremos contestar o seu modo de pensar e de interpretar. Somos, entretanto, de opinião que uma pessoa, ao pretender pôr em execução qualquer negócio, longe de possuir qualquer conhecimento teórico para sua feliz consecução, estará procedendo à maneira do trabalhador de enxada que, por ordem de seu superior, deverá semear a semente em distâncias diferentes, de acôrdo com a fertilidade da terra, mas sem saber o por que da questão.

Basta dizer que, munidos de tais "conhecimentos teóricos", ou melhor, levados por um conjunto de princípios, é que pudemos asseverar o seguinte: há em local que não nos interessa mencionar, um determinado talhão em que se percebe, pela multiplicação de três gêneros diferentes de plantas, a completa distinção em degraus. É o que se verifica com a plantação do *Eucalyptus* sp., da *Grevillea* robusta e do "Carvalho nacional". O primeiro coloca-se no degrau dominante, seguindo-se a *Grevillea*, que deixa o nosso Carvalho no degrau dominado. Ora, é uma questão digna de observação e que deve ser mencionada, porquanto submetidos a uma cultura sob um povoamento em que todos os indivíduos têm a mesma idade, apresentaram, no entanto, diferenças sensíveis em relação ao seu crescimento.

Quando acontece encontrar-se um agrupamento em que todos os seus componentes apresentem uma única idade, depara-se, frequentemente, com um outro individuo que se põe em relativa evidência, comparativamente aos outros. É o que, dizem as bibliografias francêsas — se procura denominar de "idade predominante do povoamento"

Outro ponto, também de suma importância, sobre o qual já nos debatemos, diz respeito à regeneração de nossas essências. Pois, sabemos que algumas das plantas florestais, como é o caso da Acácia mollissima, regeneram por sementeira espontânea, ao passo que outras, entre as quais contamos o Cynamomo, o Eucalipto, etc., têm a particularidade de brotar, após serem explorados. Entretanto, o que tem maior importância é o sabermos quais as que verão seus brotos persistir até o momento do corte, quais as que brotam da raiz, ou que “pegam” por estaquia ou só por sementes, quais as que regeneram à sombra de outras árvores, etc.

Uma vez de posse de tais conhecimentos, a respeito de sua forma de regeneração, iniciariamos a sua cultura, quer sob o regime da talhadia simples e regular, talhadia esquadrinhada, talhadia composta, quer sob os de alto fuste, regular ou alto fuste esquadrinhado, escolhendo um deles, de acôrdo com uma porção de preceitos, de que trataremos em outra ocasiãc.

AS FLORESTAS ARTIFICIAIS

Há muita gente que “faz visada” exclusivamente para o “Eucalipto”, deixando de lado um número bastante consideravel de essências indigenas e exóticas, as quais não só se apresentam constituídas de excepcionais qualidades no referente à lenha, à madeira para móveis, ao tanino, à produção de caixas, etc., como também se mostram possuidoras de crescimento relativamente rápido, pondo-se em condições de ser exploradas para o fim que se tem em vista, em curto lapso de tempo.

Temos insistido com frequência e, cremos, nada nos custará teirmarmos um pouco mais sobre o assunto.

Faça-se a suposição de que se quer cultivar uma determinada área, multiplicando-se, quase que ao mesmo tempo ou pelo menos no mesmo ano, várias plantas, de maneira que cada uma se destine a um único fim de exploração. E avancemos mais nesta questão, propondo a escolha de 5 ou 6 gêneros diferentes de essências, tais como: *Grevillea robusta*, *Mélia Azedarack* (cinamomo), *Paptadenia communis* (Jacaré), *Acacia mollissima*, *Araucaria angustifolia* (Pinheiro brasilei-

ro), *Eucalyptus* sp., além dos angicos, dos cedros e do barbatimão.

O "Pau Jacaré", o "Cinamomo" e mesmo a *Acacia mollissima*, podem ser explorados, economicamente, para lenha, em um espaço de tempo mais ou menos igual ao que se dispensa para o corte do "Eucalipto". Entretanto, se quiséssemos perder para a obtenção da casca destinada a cortumes, teríamos, em cerca de 5-6 anos, plantações da *Acacia mollissima*, do Barbatimão, etc., em ótimas condições de serem cortadas.

Por outro lado, escolheríamos a *Grevillea robusta* e o Cedro, no caso de querermos madeira para móveis (revestimentos, externos e internos), sendo que a primeira faz par com o Cinamomo, no que se refere à formação de madeira para caixas. Aliás, reservaríamos o "Pinheiro brasileiro" para consecução de celulose, impondo-se à cultura do "Eucalipto", o fim principal de produção de postes, mourões, estacas, etc..

Hoje em dia, com o crescente grau de conhecimento da Silvicultura, já se pode, em grande parte, racionalizar a cultura de florestas artificiais, através de dados que vêm comprovar a eficiência alcançada por meio de inúmeras pesquisas realizadas no campo silvícola. Basta dizer que, se o "Eucalipto" por si só não resolve, digamos, todos os problemas decorrentes da aplicação de seus produtos ou sub-produtos florestais, já existem outras essências que se apresentam como pontos destinados a resolver a aludida situação.

Atualmente, já se sabe que o Cinamomo aceita, perfeitamente, o regime de talhadia composta, em consociação com o Eucalipto. Talvez que êle venha resolver, de certo modo, a questão da fácil formação do humus, uma vez que aquela *Mirtácea* não corresponde à expectativa, pelo menos em determinada intensidade, no que se refere à fertilidade das nossas terras.

**CALDO DE CANA
AÇUCAR-RAPADURA-MELADO**

Fazem-se em casa, adquirindo o Engenho
"TUPI MIRIM", de preender na meza.
Peça folheto, R. Galvão Bueno, 20 - S. Paulo.

